

**A NENHUM AMADO
AMAR PERDOA**

Amostragem

ADRIANO DE PAULA RABELO

A NENHUM AMADO
AMAR PERDOA



MINOTAURO

A Nenhum Amado Amar Perdoa

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Minotauro é uma empresa da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2026 Adriano de Paula Rabelo

ISBN: 978-65-6143-067-8

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R116N

1. ed. Rabelo, Adriano de Paula

A nenhum amado amar perdoa / Adriano de Paula Rabelo.

– 1. ed. Rio de Janeiro : Minotauro, 2026.

132 p.; 157 x 230 cm

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6143-067-8

1. Poesia brasileira. 2. Literatura contemporânea.

3. Amor - poesia. 4. Sentimento. I. Título.

CDD 869.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira: Amor. 869.9

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: Rodrigo Mentz

Vendas Governamentais: Cristiane Mutûs

Produtor Editorial: Fonte Editorial



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvидoria: ouvidoria@altabooks.com.br



SUMÁRIO

PREFÁCIO	V
PENICILINA	1
DOMINGO, NO FUNDO	19
A MULHER INCONSÚTIL	29
PEQUENOS AMORES	43
CONVERSAS PROTEGIDAS	55
PARA SEMPRE	65
CACOS RECOLHIDOS	75
RASTROS DE LUZ	91
SETE MESES	99
GATAFUNHOS	111

Amostragem

PREFÁCIO

DEPOIS DA ÚLTIMA UTOPIA

Recriando o mito grego de Eros, os romanos antigos personificavam o amor na forma de um menino travesso, com asas, causador de enormes perturbações ao disparar flechas que desencadeavam o amor-paixão nos homens e até nos deuses. Suas artes eram tão insidiosas que ele mesmo veio a conhecer tais perturbações ao se ferir acidentalmente com uma de suas flechas diante da bela Psiquê, mortal por quem se apaixonou em decorrência desse acontecimento.

Já Shakespeare, em fins do século XVI, na comédia *Sonho de uma noite de verão*, imagina uma flor mágica utilizada por Puck, elfo a serviço do rei dos duendes, Oberon, que deseja vingar-se da rainha das fadas, Titânia. Essa flor faz com que qualquer um se apaixone instantaneamente pelo primeiro sobre quem colocar os olhos, seja humano, seja animal. A vingança acaba por se realizar em grande estilo: Puck transforma um pobre artesão improvisado em ator num ser híbrido, composto por corpo de homem e cabeça de burro, coloca a flor do amor nos olhos de Titânia adormecida e faz com que ela seja despertada justamente pelo monstro meio homem, meio burro. Ao vê-lo, ela é tomada por uma louca paixão.

Esses dois entes extraordinários, saídos da imaginação dos gregos e do grande dramaturgo inglês, remetem ao lado obscuro do amor, sentimento que passou a ser supervalorizado desde o estabelecimento das sociedades

industriais e o triunfo dos valores burgueses ao longo do século XIX. Somente hoje em dia essa centralidade absoluta da paixão amorosa em nossas vidas sofre uma crítica mais intensa.

Ao longo do processo de formação cultural de todos nós, somos expostos a um sem-número de filmes, canções, poemas, romances, encenações, melodramas televisivos e narrativas biográficas que veneram o amor como única fonte de sentido para a vida e como sua finalidade, chegando ao delírio de considerá-lo capaz de superar inclusive a morte. Assim, não espanta que, mesmo em nossa época de completa liberalização de homens e mulheres nos âmbitos afetivo e sexual, em que aplicativos para telefones celulares maximizam as possibilidades de composição de acasalamientos, em que a história amorosa de cada um é marcada por relações múltiplas e fluidas, o amor romântico continue ocupando um lugar de destaque nas aspirações da grande maioria das pessoas, mesmo sendo um evidente causador de enormes frustrações, de grandes catástrofes pessoais e familiares.

Pensem nos supermachos que assassinam suas ex-companheiras, algo que faz parte do cotidiano do Brasil e de tantos outros países. São pessoas para quem o amor é absolutamente tudo. Quando perdem esse tudo, são reduzidos a nada e só lhes resta a perspectiva de fazerem o que fazem, rapidamente alucinados pelo ódio.

Pensem nos indivíduos que atravessam o restante dos seus dias na amargura, como a própria figuração do fracasso, depois de se tornarem nada para alguém cujo amor preencheu a totalidade de suas vidas durante algum tempo. São pessoas que consideram esse amor essencial como fulcro de sua existência.

As narrativas de Adriano de Paula Rabelo reunidas neste volume problematizam esse totalitarismo romântico. Sem deixarem de ser histórias de amor, são principalmente histórias de desamor, já que o autor se detém com especial atenção no momento em que esse afeto se desfaz e os amantes se separam. Ao final da leitura de cada uma delas, ficamos com a sensação de que nos pouparíamos muita decepção e lágrimas se o amor fosse visto não como a redenção de nossas fixações infantis, nosso cotidiano medíocre ou nosso trabalho desumanizador, mas como uma dimensão tão importante quanto outras são importantes: a amizade, a busca de realização de nossas potencialidades, o autoconhecimento, a construção social da realidade conforme os princípios da cidadania e dos direitos humanos. Tudo isso junto, e não apenas o amor exclusivista, messiânico, concorreria para uma vida mais equilibrada, uma felicidade mais segura.

Se o amor romântico chegou à contemporaneidade como a última das utopias, estamos num momento em que escritores como Adriano Rabelo tratam de expor seu lado sombrio e as mentiras contadas em seu nome. Afinal, diferentemente das produções culturais para mero entretenimento, cabe à literatura, por meio da linguagem, dar uma organização à vida de modo que ela possua algum sentido, colocando-nos em contato com aspectos que, por uma série de conveniências, buscamos ocultar enquanto absorvidos pela faina do cotidiano.

Ao focalizarem o fim do amor e a separação dos amantes, a maioria dos contos deste livro naturalmente emana diferentes graus de melancolia. Isso haverá, por certo, de incomodar os fúteis para quem “de triste já basta a vida”. Como se fosse possível sair da vida para vivenciar qualquer tipo de experiência cultural! Como se a angústia

de cada um de nós pudesse ser solapada durante algumas horas de entretenimento banal!

Talvez como forma de ecoar em todos os tipos de leitores, o estilo de escrita, os personagens, os acontecimentos, o tempo e os lugares que compõem estas histórias foram talhados com a marca da universalidade. A linguagem é direta, franca, bem elaborada, salpicada aqui e ali por vocábulos menos corriqueiros. Os personagens em geral são figuras de classe média urbana, com toda a complexidade ideológica e de estilo de vida característica desse estrato social. Os lugares onde se passam as ações são quase sempre indefinidos, dando a entender que elas poderiam ter se processado em qualquer lugar deste mundo. O tempo também se caracteriza por não ser explicitado, embora tudo leve a crer que se trata da era contemporânea. Esses elementos, com sua imprecisão proposital, concorrem para a identificação de uma vasta gama de leitores com o que é narrado, bem como com o desconsolo dos protagonistas, uma vez que, depois da globalização, o estrato social intermediário possui estilo de vida e dilemas bastante parecidos no Brasil, na Suécia, na África do Sul, na China ou no Canadá, por exemplo.

Chama a atenção, nestes contos, a habilidade do autor em lhes dar as mais diversas formas. Há quase de tudo: narrativas em primeira e em terceira pessoa, minicontos que compõem juntos um painel mais amplo, composição com mensagens trocadas por dois enamorados, reflexões a partir de um acontecimento crucial na vida de um viúvo, diálogos tensos numa audiência para a realização de um divórcio litigioso, divisão em pequenos capítulos que expõem a ascensão e o declínio de um amor ao longo de alguns meses, a mesma história e um mesmo acontecimento contados por diferentes personagens que os vivenciaram, um relato

hilarante de um relacionamento entre um homem e uma mulher-robô, um relato em que transborda a autoironia do autor, disfarçado em terceira pessoa.

Também chamam a atenção o título do livro e a epígrafe escolhida por Rabelo. O título vem do canto V do *Inferno*, na *Divina Comédia*, no episódio em torno do amor infeliz entre Paolo e Francesca. “A nenhum amado amar perdoa” quer dizer que o amor não isenta ninguém de amar, exige reciprocidade da pessoa amada, não exime o amado de amar também. Mas, em contraste com os contos deste livro, o verso de Dante soa irônico, como a significar que o amor não perdoa ninguém, será fonte de atribulações para todos os que ousarem amar. Já a epígrafe, pinçada num conto de Bukowski, está em consonância com o espírito destas narrativas ao desmistificar o amor-panaceia que a tradição ocidental nos legou, embora o escritor norte-americano nos deixe bastante desconcertados ao reduzir o amor a um mero preconceito.

Adriano de Paula Rabelo retrata, nesta obra, o liberalismo, o consumismo, a liquidez que caracterizam os acasalamientos em nosso tempo. O ciclo das relações imaginadas por ele é breve, imediatista, como tudo se tornou hoje em dia, inclusive a perspectiva amorosa. Embora seus narradores destilem aqui e ali alguma observação carregada de ironia, percebe-se que o autor evita fazer julgamentos acerca desse *modus vivendi*, limitando-se a expor seus personagens em ação. Chega mesmo a transparecer sua ternura pela maioria deles, capturados num instante de perplexidade ante a perda incompreensível de quem, até recentemente, era o seu mundo.

Nestas histórias tão próximas de todos nós, que também já fomos maltratados pelo amor em algum momento da vida, brilha a personalidade de um escritor

que se projeta em outras existências, diversas da sua, para encontrar sentido neste mundo caótico em que vivemos aqui, fora da literatura. Essa é a liberdade suprema que o escritor exerce e partilha com o leitor sensível. No plano da realidade factual, os amores mortos seguem nos assombrando; na ficção, eles nos ajudam a compreender e a lidar com nossos fantasmas.

Ana Paula Rossignoli
Doutora em Letras

“O amor é uma espécie de preconceito. A gente ama o que precisa, ama o que faz a gente se sentir bem, ama o que é conveniente. Como pode dizer que ama uma pessoa quando há dez mil outras no mundo que você amaria mais se conhecesse? Mas a gente nunca conhece”.

Charles Bukowski, no conto “Braçadas para o meio do nada”

Amostragem

Para Mary Carol Harris
Claudine Triolo
Katya Malysheva

Amostrã

Amostragem

A NENHUM AMADO AMAR PERDOA

Amostragem

PENICILINA

Amoxicilina 3g

Tomo a última cápsula do antibiótico que me livrará desta infecção, resíduo de meu encontro com Danilo, há cerca de duas semanas, quando ele esteve aqui depois de muitos anos de ausência. Já nos dias seguintes, comecei a sentir uma dorzinha ao urinar, acompanhada de uma coceira recorrente no local. Mais um pouco e me dei conta de que estava com um corrimento amarelado. Assustada, marquei uma consulta com a minha ginecologista. Vieram os exames e se confirmou que eu havia pegado uma bactéria, uma tal *Neisseria*, causadora de uma “doença do mundo”. Foi assim, desse modo bizarro, que a minha história de amor se apagou.

Me lembro de quando, há muito tempo, Danilo partiu para estudar longe, ao chegar a hora de entrar para a universidade. Era o fim da adolescência e o início da idade em que seríamos responsáveis por nós mesmos. Foi uma dessas castrações dolorosas pelas quais passamos nas transições de um grande ciclo da vida para outro. Permaneci por aqui, com a cabeça cheia de grandes sonhos de fazer e acontecer na vida, enquanto ele foi para a cidade grande sem um projeto autenticamente seu. Tivéssemos percorrido caminhos opostos, com ele ficando aqui e eu partindo para a capital, teríamos cumprido melhor os nossos destinos,

talvez. Mas só percebemos isso agora, em retrospecto. Ao desbravar o futuro, raramente temos a lucidez necessária para nos tornar o que somos. Isso para não falar nos limites impostos por nossas circunstâncias.

A castração mais dolorida, no entanto, aconteceria meses depois. Eu nem imaginava o que estava por vir. Quando soube que ele chegaria, me enchi de expectativa e me preparei para o reencontro. Vesti minha melhor roupa, soltei o cabelo, como ele gostava. Plena de amor e saudade, eu era a própria personificação do aconchego que lhe ofereceria. De modo grosseiro, porém, gratuitamente, Danilo veio me encontrar e lançou no meu rosto, como um ácido, o fim da nossa relação. Compreendi, naquele momento, e para sempre, que não há dor como a provocada por aqueles que amamos. Para tantos como ele, o amor acaba se tornando o direito adquirido de infligir sofrimento a quem devia tratar com um mínimo de respeito e gentileza.

Aquela brutalidade sem sentido foi uma violação de meus sentimentos mais sagrados, a primeira de outras que eu viria a sofrer e também praticar no jogo da vida. Chorei como uma criança e ainda tive de ouvir minha mãe dizer que eu era ingênua, que enxergava tudo maior, mais profundo e mais significativo do que em sua real dimensão. Bela consolação!

Refugiei-me, então, nos estudos. Estava na universidade, fazendo algo que me empolgava. Para não pensar muito no abismo onde havia caído, mergulhei nas leituras, pesquisas e debates com os professores da Filosofia. Tirava notas altas e recebia elogios por meu desempenho intelectual. Um pouco mais e comecei a trabalhar.

Vários meses depois de nosso rompimento, Danilo me reapareceu de repente. Queria falar comigo, mas resolvi não o atender. Numa de suas tentativas, chegou a me parar na

rua, mas segui em frente, como se ele não mais existisse, o que não estava longe da verdade. Depois disso, com a sua volta para a capital, instalou-se o silêncio, e o tempo acabou por fazer o seu trabalho de acomodação e aniquilamento, até mesmo porque eu já começava a me encontrar com outra pessoa.

Alguns anos adiante, eu havia abandonado a universidade por algum tempo, a fim de trabalhar e poder sair da casa dos meus pais. Acabei voltando aos estudos mais tarde, porém tentando iniciar uma carreira que não estava nos meus planos anteriormente. Não me entusiasmei, mas ainda assim concluí o curso.

Algumas pessoas adiante, eu havia me casado jovem, de maneira impulsiva, depois de um namoro de apenas quatro meses. Mais alguns meses e aconteceu a gravidez. Veio a minha filha. Mais um tempinho e foi-se o casamento. Foram-se também os meus projetos de adolescência: me formar em Medicina, intervir na sociedade com meu trabalho, realizar algo significativo para a coletividade. Mas não me arrependo nem cultivo os grãos da amargura. Tenho me conduzido de maneira honesta e venho realizando, no âmbito privado, coisas que para mim significam muito. Sou importante para minha filha e estou razoavelmente em paz comigo mesma.

Muito tempo depois desses descaminhos, eu vinha levando a vida mais ou menos como devia, quando, há cerca de duas semanas, tive um encontro inesperado com Danilo, na beira do rio. Saía para uma caminhada e estava ligeiramente distraída, a ponto de levar alguns segundos para me certificar de que era ele mesmo. Afinal, foram muitos anos, mais de dez, sem sequer ter notícias suas. Era como se houvéssomos morrido um para o outro. Ou melhor, estávamos de fato mortos um para o outro. Apenas

não sabíamos disso ainda. Conversamos, marcamos um encontro para o sábado, para conversar ainda mais, viemos para minha casa, viemos para meu quarto, ficamos juntos sem desejo nem sentimento, tentando recolher migalhas do afeto que um dia viveu em nós. Ele nem quis dormir comigo e foi embora, cuidar do seu pai doente. Pouco depois voltou para o seu lugar — ou para sua falta de lugar — na cidade grande onde se perdeu. Foi-se para sempre, sem querer ser visto por ninguém, como um criminoso do qual eu era cúmplice.

Até nossa conversa estava esvaziada, voltando aos mesmos assuntos, centrada não no que temos feito, mas deixado de fazer. Em nossos fracassos, portanto. Não conseguíamos sair das nossas zonas de sombra. E pensar que um dia eu achei que estava destinada a amá-lo por toda a minha vida!

O que teria sido de nós se Danilo não tivesse partido para estudar fora, se tivesse permanecido aqui, se nosso amor adolescente houvesse amadurecido e se realizado na forma de uma vida comum? Não sei. Talvez tivesse se esgotado da mesma forma; ou de maneira ainda pior, pela proximidade em que teríamos estado. A vida adulta mostrou que desenvolveríamos valores incompatíveis, que nossas atitudes seriam um agente de desencontro permanente. Houve um tempo primordial, porém, em que fomos tudo um para o outro. Até que, meio de repente, por um quase nada, nos separamos e nos apartamos. Com o tempo, o tesouro da nossa juventude desvalorizou-se até zerar. E hoje, depois da Neisseria e da amoxicilina, caiu bem abaixo de zero. Por um nada e para sempre.

Seguirei em frente com a sensação de que, neste último encontro com Danilo, estivemos diante do espectro daquilo

que um dia foi de fato um amor. Ele mesmo, com aquele ar apático, aquela falta de projetos e até aquele corpo agora meio fora de forma, pareceu-me uma falsificação do rapaz meio confuso mas entusiasmado, competitivo e forte com quem descobri coisas essenciais da vida durante a adolescência. Pelo que ficou para trás, eu ainda poderia vê-lo com carinho. Porém mesmo esse passado parece hoje estar depositado numa camada profunda dos sedimentos do tempo, escura e inacessível.

Todo o problema está na expectativa que acalentamos de um amor para todo o sempre, ainda mais quando esse amor teve seu transcurso ao longo dos anos de transição para a vida adulta e a aquisição de um mínimo de liberdade para seguirmos nossas próprias inclinações. Por que não aceitamos que o amor também se realiza num ciclo e que ele quase sempre se esgota antes do ciclo maior de nossas vidas já efêmeras em si mesmas? Em nossa ânsia por capturar o amor e fixá-lo, nem sequer desfrutamos muito bem dele, nem sequer conseguimos avaliar sua importância. Então o fraturamos com nosso anelo de possuir o outro. Então o perdemos levemente na inflação de experiências exigida pelo consumismo afetivo da nossa época. Amar é, por certo, jogar-se, envolver-se, comprometer-se num projeto, mas é também saber reconhecer o esgotamento amoroso, partir e deixar partir. Não há retorno a paraísos perdidos.

Minha noite com Danilo, depois de o acaso nos recolocar frente a frente, foi resultado da nostalgia de um tempo em que vivíamos lá, no presente, realimentando todo dia o ciclo de nosso primeiro amor. Até o ciclo se fechar abruptamente, estupidamente. Hoje, machucados, vergados por frustrações, foi como se não estivéssemos mais aqui, no presente. Num impulso romântico arcaico, viemos para minha casa como quem vai parar num

lugar qualquer ao fim de uma extensa perambulação sem objetivo, enlaçamos nossos corpos como quem o faz na esperança de suplantar uma solidão irremediável. Porém permanecemos ainda mais sozinhos.

Danilo não se tornou o advogado bem posto na vida dos sonhos do seu pai. Do esportista pretensioso que um dia ele foi, não restou nem mesmo a pretensão. Seu encantamento com a cidade grande, quando para lá se transferiu, parece já ter atravessado as raias do tédio. Quanto a mim, colecionei também minhas derrotas, como ele, como todo mundo. É verdade que tenho feito muito menos do que sonhei. Mas continuo positiva diante da vida, amando o que faço, mudando o mundo dentro da escala mínima do meu campo de ação familiar, profissional, social. Nisso acredito que estou relativamente bem, portando uma luzinha própria ao navegar pela escuridão da vida madura, com as durezas que ela nos traz.

Já são quase onze horas desta noite de terça-feira, e devo acordar cedo amanhã. Jogo fora a caixa de amoxicilina, com as cápsulas que sobraram. Coloco minha filha para dormir, deito-me eu mesma e fico repassando na memória meu recente desencontro com Danilo, perplexa diante do sinistro que se abriga, escondido, como uma bactéria, nas coisas supostamente mais honrosas, mais sagradas. Vida que segue.

Azitromicina di-hidratada 1000mg

Foi numa viagem ao interior, faz alguns anos, que reencontrei Polina depois de quatorze anos sem vê-la nem ter com ela nenhum contato. Quando vim morar na capital, eu a amava com a toda a nitidez do primeiro amor. Tinha, então, dezenove anos, e ela, vinte. Havíamos nos encontrado pela primeira vez cinco anos antes, na escola, e

nossa ligação adolescente começou um ano depois. Ela era um pouco mais alta que eu. Já tinha seios grandes, embora fosse magra e ossuda. Seus cabelos, compridos e negros, desciam-lhe abundantemente pelas costas, escorriam-lhe pelos ombros. A pele trigueira, a testa ampla, o nariz fino, os lábios grossos, os ombros largos e as pernas longas evidenciavam um tipo mestiço, de fisionomia e compleição muito peculiares. Possuía dentes claros mas não perfeitamente alinhados. Às vezes, pela forma como olhava, meio de lado, exprimindo uma leve timidez, ela chegava a dar a falsa impressão de ser ligeiramente estrábica. Em sua voz macia ecoavam, ao mesmo tempo, recônditas fragilidades e enigmas de mulher em floração. Era uma das alunas mais brilhantes da escola, cravando sempre as melhores notas em disciplinas como Matemática, História, Português e Inglês. Por isso algumas invejosas da época colocaram-lhe o apelido maldoso de Ponto de Exclamação, numa crítica ao seu corpo esguio.

O nome Polina, com esse “i” forte no meio, raro em nosso país, coroava aquela atmosfera de pessoa incomum, destinada a fazer coisas grandes, percorrer caminhos próprios e deixar a marca de sua passagem por este mundo. Naquela época ela já se interessava por coisas como ioga, budismo, alimentação orgânica, respeito à natureza e direitos dos animais. Quando estávamos terminando a escola média, ansiosos pelos rumos que nossas vidas tomariam a partir da escolha do que fazer na universidade e no mundo do trabalho, Polina falava em cursar Filosofia ou Medicina, talvez Filosofia e Medicina em momentos diversos da vida, pois ainda era muito jovem, com muita estrada pela frente. Essas duas inclinações diversas davam o tom de um espírito inquieto, ávido de conhecimento e ação concreta para influenciar a sociedade. Dizia que talvez mais